

Luigi

Durante anos infintos Luigi escreveu. Não era um contador de histórias. Aliás detestava os «contadores de histórias» em geral e, em particular um deles, a quem chamava, desdenhosamente, o “homem caleidoscópico”. Luigi escreveu para se divertir em segredo. Ria-se dos actos pomposos a que assistia, eram muitos, com discursos escritos por ele. Discursos de tomadas de posse, discursos de aberturas de aulas, outros discursos. Anos a fio, Luigi escreveu teses ou partes de teses de mestrado e doutoramento, partes de livros, não para ele mesmo, mas para outros. Ria-se da situação ridícula que era observar doudas figuras a examinarem os seus escritos lidos e apresentados por outros. Era, assumidamente, o que os norte-americanos chamam “ghost writer”. Mas não cobrava dinheiro por isso. Cobrava apenas a sua certeza de superioridade, um cinismo refinado, uma desconstrução do sistema de falsidades e palhaçadas em que acreditava viver. Porém estas coisas cansam. Com o tempo foi sendo ultrapassado por inúmeros colegas a quem escrevera teses. Cada vez mais foi notando que esses mesmos colegas o olhavam de cima, ele favorecera-os, mas isso não lhes interessava. As pessoas são muito mais pragmáticas do que aquilo que assumem em público. O princípio “verdadeiro é o que é útil”, que William James usou e recomendou, é muito mais usado do que se pensa. O curioso é que este princípio nem é de James, ao que parece, mas isso também não é “útil”. Luigi foi escrevendo teses e discursos, discursos e teses, mas não escrevia a sua própria tese. Aquilo era um mistério para quem sabia o que ele fazia. Chamavam-lhe «figura de bastidores», «king-maker», enfim, uma série de nomes pouco elogiosos. De repente enfureceu-se com a ultrapassagem sucessiva a que era sujeito e resolveu que seria promovido. Começou a escrever a própria tese. Começou também a sentir-se «engasgado». As palavras não saíam, pareciam encravadas no teclado. As ideias existiam, mas teimavam em não cair para as folhas de papel. Acabou por executar um texto horroroso, algo “sem pés nem cabeça”, como se costuma dizer. Não reprovou, quando apresentou o seu trabalho. Mas foi humilhado. Teve de recorrer a argumentos que conhecia do “homem caleidoscópico”, passou por piedade, verificou como é fácil ser criticado por aquilo

que se faz. Foi sempre lembrado pelo papel a que se prestara e nunca pelo brilhantismo que tinha, porque o único texto que assinou foi, por incrível coincidência, o pior de todos os que escreveu.

Carlos Mota